

UM PARAÍSO FRAGMENTADO: RETRATOS DAS ILHAS MARAVILHOSAS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

MAGDALENA BIALOBORSKA CHAMBEL*

Fecha de recepción: 30 de julio de 2023

Fecha de aceptación: 7 de septiembre de 2023

Resumen: As ilhas maravilhosas de São Tomé e Príncipe, como frequentemente são designadas, foram, e continuam a ser, um ponto de encontro de pessoas de várias origens. Este pequeno país, situado no Atlântico e atravessado pela imaginária linha do equador, possui uma vegetação exuberante, que – apesar de várias transformações que ocorreram ao longo dos séculos, quando o território foi utilizado para plantações de açúcar ou, mais tarde, café e cacau – continua a espantar quem lá chega. Neste artigo cruzo as questões de mudanças sociais e territoriais num período prolongado, desde os inícios da recolonização no século XIX até à atualidade. Recorrendo a vários registos fotográficos, mostro como as ilhas e as pessoas que as habitavam foram registadas e o que estas imagens transmitem sobre o arquipélago. Apresento a multiplicidade das fontes visuais, resultado de diversas origens das fotografias e, conseqüentemente, de diferentes finalidades destes registos. Através de quatro exemplos de fragmentos de registos fotográficos —dois do período colonial e dois realizados em São Tomé e Príncipe independente— demonstro como as opções na seleção do que é apresentado servem para a criação da imagem desejada das ilhas. Esta exposição revela um paraíso fragmentado, onde as peças são movidas de acordo com as necessidades, várias delas retiradas do plano, não servindo sequer para o pano-de-fundo da imagem desejada das ilhas maravilhosas.

Palabras claves: fotografia; roças; trabalho contratado; turismo; paraíso; São Tomé e Príncipe.

* Centre National de la Recherche Scientifique - Langage, Langues et Cultures d'Afrique (CNRS-LLACAN); Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História, (CH-Ulisa). Correo electrónico: magdalena.chambel@gmail.com.

Abstract: The wonderful islands of São Tomé and Príncipe, as they are often called, have been, and continue to be, a meeting point for people of various origins. This small country, located in the Atlantic and crossed by the imaginary equatorial line, is covered by an exuberant vegetation. In spite of various transformations that have taken place over the centuries —when the territory was used for sugar and, later, coffee cocoa plantations— it continues to amaze those who arrive there. In this article, I explore the issues of social and territorial change over an extended period, from the beginnings of recolonisation in the 19th century to the present day. Using various photographic records, I show how the islands and the people who inhabited them were recorded and what these images transmit about the archipelago. I present the multiplicity of visual sources, the result of the different origins of photographs and, consequently, the different purposes of these records. Through four examples of fragments of photographic records —two from the colonial period and two taken in the independent country— I demonstrate how the choices made in selecting what is presented serve to create the desired image of the islands. This analysis reveals a fragmented paradise, where the pieces are moved around according to a need, several of them removed from the plan, not even serving as a backdrop for the desired image of the wonderful islands.

Key words: photography; plantations; indentured labour; tourism; paradise; São Tomé and Príncipe.

A designação «as ilhas maravilhosas de São Tomé e Príncipe» é frequentemente usada quando se fala ou escreve sobre o arquipélago santomense, assim como a evocação do «paraíso». Um «tesouro escondido» ou a «pérola do Atlântico» são outras expressões incluídas nos títulos, particularmente dos artigos que destacam o potencial turístico do país, ou seja, quando as ilhas são apresentadas aos «outros», aos que vêm de fora. Também no período colonial, a sua excecionalidade era sublinhada pelos colonizadores portugueses, que apresentavam o território como «a mais portuguesa e a mais progressiva» das colónias¹, passando esta imagem tanto aos portugueses a viver na metrópole, como aos colonizadores de outras nacionalidades. Conhecendo a história do arquipélago, bem como a sua atual situação, apercebemo-nos facilmente que a imagem que se pretendia e pretende transmitir é um fragmento da realidade ou então uma realidade desejada.

1. MANTERO, Francisco. *A mão d'obra em S. Thomé e Príncipe*. Lisboa, 1910, p. 3.

É e foi uma imagem construída para responder a determinadas necessidades e a fotografia sempre teve, e continua a ter, uma relevância significativa nestes processos.

Neste artigo, composto por duas reflexões distintas, apresento registos fotográficos utilizados em várias situações e com objetivos diferentes. Pretendo demonstrar que frequentemente ocorre um processo de fragmentação necessário para criação de uma realidade imaginada e desejada. Durante este processo, tudo que poderia estragar a imagem a transmitir, é excluído. O resultado, além de fragmentário, é muitas vezes manipulado, já que recorre à encenação, ao uso de filtros e de técnicas de edição de imagem, imprescindíveis para garantir o brilho necessário e aumentar o impacto da apresentação.

Não procuro paralelismos entre ambas as situações, uma do período colonial e outra mais recente e referente aos registos fotográficos de São Tomé e Príncipe independente². O único ponto comum que acentuo é a existência de registos diferentes em todos os períodos, desde os inícios da fotografia.

Entre os quatro tipos de registos que serão apresentados, o primeiro pode ser categorizado como a fotografia de propaganda, ou seja, uma das ferramentas do império utilizadas «para sublinhar as “virtudes civilizadoras” do *novo imperialismo*. A ordenação visual das realidades “positivas dos mundos coloniais”, e o associado acréscimo de *legibilidade* política dos seus territórios, populações e recursos, foi um importante instrumento de dominação social, de fundamentação e administração de *políticas da diferença*»³. O segundo registo é um exemplo daquilo que foi classificado como «fotografia humanitária», ou seja, a instrumentalização da foto-

2. Cf. QUINTANA, 2021 sobre *iconografia colonial* e a *iconografia pós-colonial* nos arquipélagos atlânticos.

3. JERÓNIMO, Miguel Bandeira. «As provas da “civilização”: fotografia, colonialismo e direitos humanos». In: Filipa Lowndes Vicente (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 388-389.

grafia ao serviço das causas e movimentos humanitários⁴. O terceiro registo é o típico exemplo da fotografia utilizada em marketing, para fins publicitários, enquanto o quarto, mais híbrido e difícil de classificar, oscila entre fotografia conceitual e artística, com elementos autobiográficos implicitamente presentes em várias imagens.

SÃO TOME E PRÍNCIPE: DA CHEGADA DOS PORTUGUESES À RECOLONIZAÇÃO

Em 1470 e 1471, os navegadores portugueses, João de Santarém e Pêro Escobar, chegaram às ilhas de São Tomé (21 de dezembro 1470) e Príncipe (17 de janeiro 1471), na altura desabitadas. O seu povoamento e transformação numa plantação de cana de açúcar começaram no final do século xv. Ao longo do século xvi, os europeus levaram às ilhas milhares de pessoas escravizadas do continente africano. A partir do século xvi, em resultado de permanência no mesmo território, num período prolongado, de pessoas de várias origens, tinha surgido nas ilhas uma sociedade crioula, que, mais tarde, começou a ser considerada a sociedade local/natural das ilhas. O declínio da produção açucareira, causado, entre outros, pela maior produtividade e qualidade do açúcar no Brasil, fez com que os portugueses tivessem abandonado as ilhas. Estas foram praticamente entregues à população crioula local. Seguiu-se o período de «grande pousio», assim designado por Francisco Tenreiro⁵. Os habitantes mantinham uma agricultura de produtos alimentares em pequena escala e abasteciam os barcos que aí paravam. As ilhas serviram, também, como entreposto das pessoas escravizadas.

4. *Ibidem*, p. 288.

5. TENREIRO, Francisco. *A ilha de São Tomé*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

Um período novo iniciou-se no século XIX, após a introdução —primeiro como plantas ornamentais— de café e de cacau, que se revelaram extremamente adequadas às condições climatéricas e aos solos do arquipélago. A notícia sobre este novo potencial do território espalhou-se rapidamente e os europeus começaram a voltar às ilhas, ocupando terras e transformando-as em plantações de café e de cacau em grande escala, designadas localmente de roças.

A altura em que as roças eram construídas coincidiu com a abolição da escravatura por Portugal. Como as plantações necessitavam de um grande número de trabalhadores, foi introduzido o sistema de trabalho contratado. Começaram a chegar ao arquipélago trabalhadores contratados, provenientes do território angolano e, mais tarde, do arquipélago cabo-verdiano (desde 1903) e de Moçambique (desde 1908). Durante este período inicial do trabalho contratado estalou uma polémica a nível internacional, que obteve o nome de «cacau escravo» e cujos registos, dois dos vários publicados nas primeiras duas décadas do século XX, servir-me-ão como exemplo para uma reflexão sobre as diferentes formas de transmissão da realidade através de registos visuais.

«CACAU É OURO, É PRATA, É O NOSSO DIAMANTE TAMBÉM»

Quase um século depois, já no país independente e que tentava fortalecer a sua economia, cantava Sum Alvarinho, um dos artistas mais engajados dos anos 1980: «*Cacau é ouro, é prata, é o nosso diamante também*»⁶. Mas para ser isso tudo, é preciso imenso trabalho com envolvimento de milhares de pessoas para prepararem terreno, plantarem, colherem, secarem, transportarem, etc. Tudo a baixo custo para garantir a lucratividade das plantações.

6. Música intitulada «Cacau», incluída no álbum sob o mesmo título, editado pela editora IEFÉ em 1982 e reeditado pela Sonovox em 1994. Música e letra do Sum Alvarinho.

As primeiras décadas do trabalho contratado em São Tomé e Príncipe, de acordo com estudiosos, políticos e chocolateiros ingleses, foram turbulentas, já que —como afirmavam nos seus relatórios e artigos— a escravatura mantinha-se, apesar do novo termo usado, o de «trabalho contratado». Os ingleses chamaram a atenção para a forma de obter os trabalhadores no território angolano, muitas vezes sem concordância dos próprios envolvidos, e também apontaram algumas questões preocupantes com as quais se depararam no arquipélago equatorial: a elevada mortalidade entre os trabalhadores contratados, as questões financeiras, entre as quais, várias falhas nos pagamentos, a duvidosa renovação dos contratos e a inexistência de uma repatriação regular, quando desejada pelos trabalhadores.

Em resposta às publicações da autoria de Joseph Burt e W. Claude Horton, *Relatório sobre as condições dos serviçoes negros empregados nas plantações de cacau de S. Thomé e Príncipe e os modos de os obter em Angola* (1907), e de William Cadbury, *Os Serviçoes de S. Thomé: relatório d'uma visita às ilhas de S. Thomé e Príncipe e a Angola* (1910), bem como vários artigos publicados na imprensa inglesa, foram produzidos diversos textos de autores portugueses, entre os quais se destacam dois livros, ambos com dezenas de fotografias: *A mão d'obra em S. Thomé e Príncipe* de Francisco Mantero (1910) e *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe* de António A. Corrêa de Aguiar (1919). O segundo⁷ servir-me-á como exemplo de criação de um registo visual fragmentário e artificial, necessário para demonstrar que as acusações dos ingleses não poderiam ter sido verdadeiras. Contra-

7. Para uma análise que engloba a análise das imagens dos dois livros acima mencionados, como das outras publicações e, ainda, dos postais da época, consultar: NASCIMENTO, Augusto. «As fotografias de uma época das roças de São Tomé e Príncipe». In: Alexandre Ribeiro, Alexander Gebara e Marina Beruhte (eds.). *África: histórias conectadas*. Niterói: UFF, 2014, pp. 201-250; e NASCIMENTO, Augusto. «Olhar as mudanças sociais em São Tomé e Príncipe através das fotografias». In: Filipa Lowndes Vicente (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 157-167.

ponho as imagens deste livro às fotografias publicadas no álbum que acompanhava o relatório de William Cadbury, e que foram realizadas durante a sua viagem e de Joseph Burt para São Tomé e Príncipe e Angola em 1908⁸. Apercebemo-nos perfeitamente que as imagens escolhidas divergem das fotografias incluídas no livro de António Aguiar (1919)⁹.

Destaco os seguintes elementos que diferenciam estes dois registos fotográficos do arquipélago e dos seus habitantes¹⁰, realizados praticamente na mesma altura¹¹: a forma de captação de imagens, a seleção dos lugares e das pessoas a fotografar, os enquadramentos escolhidos e, particularmente, a preparação para a captação de fotografias.

Abre o livro *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe* um fragmento daquilo que, de facto, pode ser considerado um paraíso, quando se usa esta palavra como sinónimo do arquipélago: a imagem de uma cascata, de três níveis, com uma abundante corrente de água, cuja força e velocidade estão bem notáveis¹². É a cascata Diogo Pena no rio Quija, na roça Jou. Apesar de transformada, após a introdução de várias culturas, a vegetação existente nas ilhas continua a impressionar. É exatamente a natureza, no seu estado puro, ainda presente na parte da ilha ocupada pelo obô, mas também nesta nova vertente, já após a sua

8. CADBURY, William A; BURTT, Joseph. *S. Thomé, Angola, 1908-09: views taken by William A. Cadbury and Joseph Burt during a visit to S. Thomé and Angola, Portuguese West Africa, in the Winter of 1908-09*. Birmingham, 1910.

9. AGUIAR, António A. Corrêa. *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe*. S. Tomé: Imprensa Nacional, 1919.

10. Ou, melhor, de uma parte deles, já que nas imagens predominam os trabalhadores contratados, ou seja, as pessoas providas dos outros territórios, enquanto os ilhéus foram, praticamente, excluídos.

11. Apesar da autoria e as datas de captação das imagens do livro de Aguiar (1919) não tenham sido indicadas, podemos supor que estas foram tiradas entre os finais da primeira e os finais da segunda década do século XX, quando a polémica do «cacau escravo» se tenha espalhado a nível mundial.

12. AGUIAR, António A. Corrêa. *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe... Op. cit.*, p. 2.

transformação em terrenos de cultivo, que é evocada para falar de um paraíso equatorial. Daí parece-me interessante a escolha desta imagem, colocada antes de qualquer texto. A transformação das ilhas em lucrativas plantações foi motivo de orgulho dos portugueses e, como aparentemente pretendiam transmitir, foi uma mudança harmoniosa, que acrescentou mais valor¹³ a esta parcela do território português.

Há outro pormenor que torna a escolha desta fotografia bastante significativa. A roça Jou está situada na parte sudoeste da ilha, a parte de mais difícil acesso, mesmo atualmente. A construção de uma roça num terreno tão distante do principal porto, da cidade capital, das estradas mais frequentadas, exigia um esforço redobrado e o sucesso desta iniciativa demonstra as capacidades dos colonizadores. Nesta zona estão situadas umas das praias mais belas da ilha de São Tomé —os tais pedacinhos do paraíso— sobre os quais falarei na segunda parte deste artigo. Por isso, considero que a escolha desta fotografia para a primeira das mais de seis dezenas incluídas no livro não foi aleatória.

O livro refuta as acusações dos ingleses em quatro capítulos, referentes às questões por eles levantadas: (1) mortalidade, (2) recontração, (3) repatriação e (4) estatísticas. A publicação é adicionalmente enriquecida pelos numerosos anexos, tanto com os textos dos ingleses, como com imensos e detalhados dados estatísticos e outros documentos. As fotografias incluídas não servem de ilustração das respetivas partes, mas constituem uma história paralela, uma descrição através das imagens daquilo que foi o arquipélago na altura. Ou, melhor, daquilo que os portugueses queriam que tivesse sido. Os autores das fotografias não foram indicados. Não sabemos se as fotografias —ou parte delas— foram produzidas de propósito para esta publicação ou se

13. Através da ação civilizadora, materializada pela construção das roças e a sua aceitação «enquanto ícone civilizador» (NASCIMENTO, Augusto. «As fotografias de uma época das roças de São Tomé e Príncipe». In: Alexandre Ribeiro, Alexander Gebara e Marina Beruhte (eds.). *África: histórias conectadas*. Niterói: UFF, 2014, p. 206), de acordo com o discurso colonial da altura.



«S. Tomé. Cascata Diogo Pena, no rio Quija. Roça Jou». António A. Corrêa Aguiar. O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe. S. Tomé: Imprensa Nacional, 1919, p. 2.

foram selecionadas de algum arquivo ou álbum já existente. O somatório das cerca de sessenta fotografias resulta numa imagem que é um fragmento da realidade, idealizada e, em alguns casos, artificialmente criada para o momento de captação, que servirá como um registo a mostrar aos que duvidavam ou acusavam os colonizadores portugueses. Assim como noutras publicações da mesma altura, «similarmente à riqueza produzida na terra, a fotografia sobre as roças destinava-se a ser exportada»¹⁴. A imagem transmitida mostra um arquipélago ideal, tanto quanto à natureza e à abundância da vegetação, como em relação às construções feitas pelos portugueses nas últimas décadas. Também a forma de apresentação das pessoas —a pose— transmite a imagem de uma sociedade organizada, cuidada e satisfeita.

Entre as 62 fotografias, há 3 vistas gerais das cidades¹⁵, sempre captadas de um local que mostra as suas redondezas com uma natureza exuberante. O que ressalta, é a harmonia entre a natureza e as construções: tudo bem conjugado num transcendente equilíbrio. Este equilíbrio encontramos, também, nas vistas gerais das roças¹⁶. Aqui, adicionalmente, destaca-se uma ordem excepcional. Os vários tipos de edifícios estão bem distribuídos dentro da área que ocupam, todo o espaço envolvente está sempre muito limpo. Este cuidado especial é reforçado nas fotografias de determinados edifícios. As sumptuosas casas de administração¹⁷ —cuja arquitetura espanta quando pensamos que foram construídos numa ilha onde não existiam os materiais necessários— são, certamente, muito ostentosas se comparadas com as sanzalas, ou seja, os

14. NASCIMENTO, Augusto. «As fotografias de uma época das roças de São Tomé e Príncipe». In: Alexandre Ribeiro, Alexander Gebara e Marina Beruhte (eds.). *África: histórias conectadas*. Niterói: UFF, 2014, p. 208.

15. AGUIAR, António A. Corrêa. *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe...* *Op. cit.*, pp. 8, 16 e 24.

16. P. ex. AGUIAR, António A. Corrêa. *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe...* *Op. cit.*, pp. 40, 128, 144 e 266

17. AGUIAR, António A. Corrêa. *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe...* *Op. cit.*, pp. 72, 160 e 432.

edifícios de habitação dos trabalhadores contratados. Contudo, mesmo estes últimos, apesar da simplicidade de construção, apresentam-se bem estimados e ordenados¹⁸.

A ambiguidade das roças —lugares fechados e autossustentáveis, mas, ao mesmo tempo, dependentes do exterior— é bem visível nos registos fotográficos apresentados. Mesmo se incompletos —há vários edifícios que não foram incluídos nas imagens escolhidas para o livro—, permitem logo a entender que havia pessoas que, uma vez vindas de fora, raramente saíam para fora das roças ao longo da sua estada nas ilhas.

Os portos são sempre característicos e repetem-se na iconografia insular de várias latitudes geográficas. Todos os territórios insulares dependem do exterior, fator que aumenta no caso das ilhas mais pequenas. O porto significava o ponto de chegada e o ponto de partida, tanto das pessoas como dos materiais, produtos agrícolas, alimentos, medicamentos, combustíveis, etc. Tudo que não era produzido tinha de vir de fora e tudo que era produzido no arquipélago, transformado numa colónia-plantação, tinha de ser escoado. Várias roças tinham os seus cais, através dos quais escoavam produtos produzidos para o porto principal¹⁹.

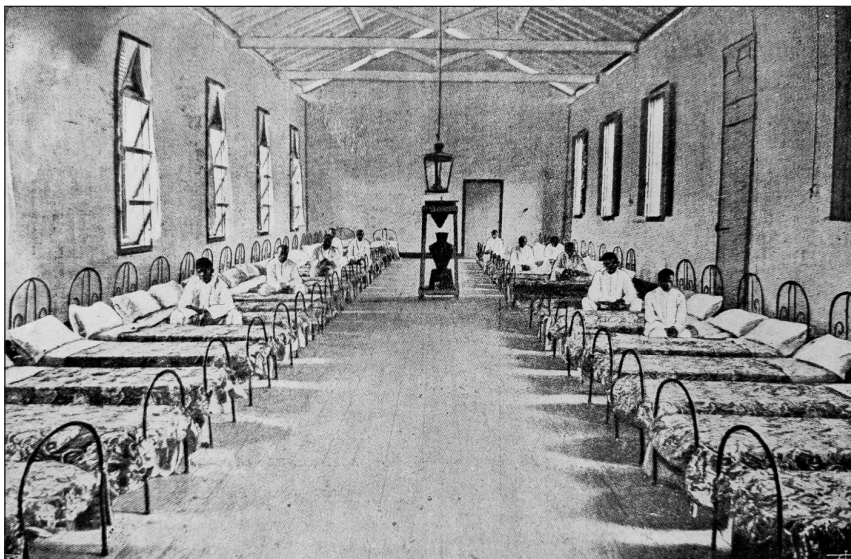
As imagens pretendem induzir a sensação de uma extrema organização e de preocupação com todos os elementos necessários para garantir a qualidade de vida dos trabalhadores contratados. As condições em que viviam e o que tinham ao seu dispor estão reforçadas nas fotografias dos hospitais das roças²⁰ e de uma farmácia²¹. As espaçosas enfermarias, com numerosas camas, onde ficavam os doentes —alguns presentes nas fotografias—, parecem estar sempre preparadas para receber os que precisavam de ser tratados. Além de um médico, cada roça maior empregava alguns enfermeiros. O abastecimento da farmácia da roça, com as prateleiras cheias de frascos e garrafas, e um farmacêuta pronto para

18. *Ibidem*, pp. 388 e 424.

19. *Ibidem*, pp. 32, 40 e 48.

20. *Ibidem*, pp. 184, 192, 356 e 396.

21. *Ibidem*, p. 232.



«S. Tomé. Uma enfermaria do Hospital. Roça Rio do Ouro». Antônio A. Corrêa Aguiar. O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe. S. Tomé: *Imprensa Nacional*, 1919, p. 192.

preparar medicamentos e pomadas, reforçam a imagem que se queria transmitir, contrariando as acusações dos ingleses ou, até, tirando-lhes a razão de ser. Como poderia ter sido possível a elevada taxa de mortalidade em condições exemplares como estas?²² Mais do que os dados apresentados em numerosas páginas do livro, estas imagens eram capazes de chegar aos leitores de forma instantânea, demonstrando a realidade (desejada, imaginada, construída, fragmentada) das roças.

Antes de passar para uma breve análise das imagens dos trabalhadores contratados, incluídos no livro de Aguiar, quero ainda mencionar as infraestruturas e as máquinas usadas na produção

22. De acordo com Nascimento, as condições apresentadas nas várias fotografias da época pretendiam demonstrar que aos serviçais «se concederiam condições inexistentes, por exemplo, na metrópole». NASCIMENTO, Augusto. «As fotografias de uma época das roças de São Tomé e Príncipe». In: Alexandre Ribeiro, Alexander Gebara e Marina Beruhete (eds.). *África: histórias conectadas*. Niterói: UFF, 2014, p. 221.

de café e de cacau. Este é mais um exemplo da extrema organização de produção, com utilização de equipamentos modernos e bem adequados às exigências de produção em condições tão específicas como as roças num arquipélago equatorial. É mais um fator a ter em consideração durante a leitura dos relatórios dos autores da Inglaterra e que tão bem comprova as afirmações dos colonizadores portugueses, que explicavam os baixos níveis de repatriação com o facto de que os próprios trabalhadores não estavam dispostos a regressar aos seus países de origem, tendo encontrado em São Tomé e Príncipe as condições de vida e de trabalho muito melhores do que as que alguma vez conseguiram atingir nos seus territórios de origem. O investimento dos portugueses em desenvolvimento de infraestruturas e de maquinaria necessária para a produção de cacau e café em grande escala, bem patente nas fotografias — não só neste, mas também noutros livros e postais que circulavam na época²³ —, comprova a sua dedicação e engajamento não só numa produção altamente lucrativa, mas, também, na forma de tratamento de trabalhadores, indispensáveis para o funcionamento e a produtividade das roças²⁴.

O último e grande grupo das fotografias retrata os trabalhadores contratados. Há vários tipos destas imagens, que, entretanto, têm um elemento em comum: todas as fotografias de serviços incluídas no livro foram encenadas, captadas depois de (longas ou curtas) preparações do momento a registar. Imagino que cada pormenor foi bem pensado e exigido dos figurantes.

Existem várias fotografias de grupo, tanto nas roças, como à frente da Curadoria Geral. Estas últimas documentam o momento da chegada dos trabalhadores a São Tomé e Príncipe e tão im-

23. Cf. NASCIMENTO, Augusto. «As fotografias de uma época das roças de São Tomé e Príncipe». *Op. cit.*; *Idem*. «Olhar as mudanças sociais em São Tomé e Príncipe através das fotografias». In: Filipa Lowndes Vicente (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014b, pp. 157-167.

24. AGUIAR, António A. Corrêa. *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe...* *Op. cit.*, pp. 168, 282 e 372.

portante – para contrariar os relatórios dos ingleses – o momento antecedente a repatriação dos serviçais²⁵. Adicionalmente, há duas fotografias de serviçais em Angola, na altura da sua partida para São Tomé e Príncipe, cujo objetivo, certamente, foi a necessidade de demonstrar o bom trato assegurado às pessoas que decidiram se deslocar para o arquipélago equatorial²⁶. Quanto às formaturas nas roças, tanto os grupos muito numerosos – como o grupo de serviçais na Roça Rio do Ouro²⁷, ou a imagem da formatura de serviçais na Roça Diogo Vaz²⁸ –, como os mais pequenos – como o das criadas do serviço doméstico na Roça Rio do Ouro²⁹ – apresentam as pessoas bem ou muito bem vestidas, dignas e tranquilas. Chamam a atenção as sofisticadas posições e a direção dos seus olhares. Tudo foi orquestrado, preparado até ao último detalhe.

Apesar de algum movimento presente, também as fotografias das brincadeiras de crianças têm a mesma característica: deparamo-nos com situações encenadas, através das quais uma realidade não existente, mas desejada, é apresentada³⁰.

Temos várias fotografias a demonstrar os serviçais (supostamente) a trabalhar. Supostamente, porque nota-se a artificialidade do momento, a pose, a roupa sempre impecável, as redondezas bem limpas. A harmonia e a imobilidade nestas imagens são evidentes, retirando-lhes uma parte do seu potencial valor documental. Como um exemplo pode servir a fotografia intitulada *Serviçais colhendo cacau na Roça Boa Entrada*³¹. A artificialidade do momento é facilmente notável. O mesmo transparece de outros registos de trabalho, como por exemplo, *Apanha de café na Dependência*

25. *Ibidem*, pp. 64 e 98.

26. *Ibidem*, pp. 440 e 448.

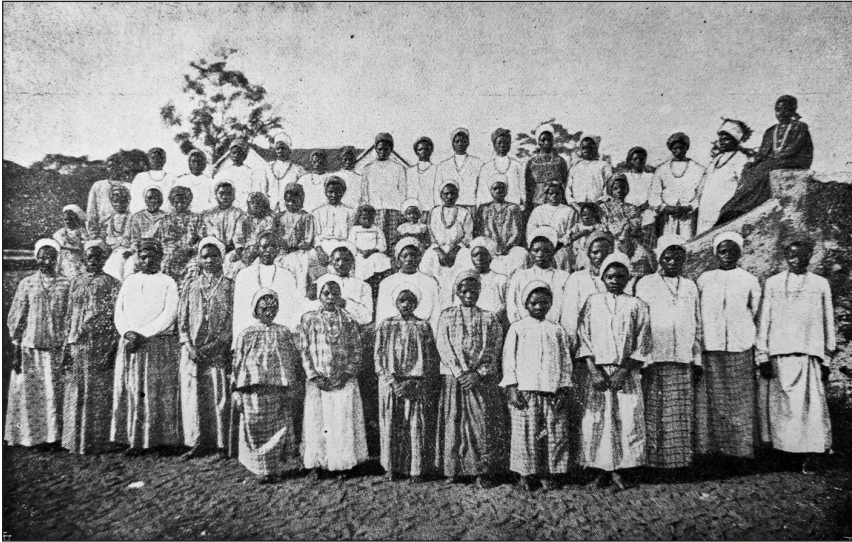
27. *Ibidem*, p. 136.

28. *Ibidem*, p. 244.

29. *Ibidem*, p. 176.

30. *Ibidem*, pp. 380 e 404.

31. *Ibidem*, p. 216.



«S. Tomé. Grupo de serviçais. Roça Rio do Ouro». António A. Corrêa Aguiar, O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe. S. Tomé: Imprensa Nacional, 1919, p. 136.

*Boa Esperança, Roça Rio do Ouro*³² ou na imagem intitulada *Caixas de fermentação de cacau na Roça Rio do Ouro*³³, que apresenta os trabalhadores a desempenhar várias tarefas.

Contudo, temos de ter em atenção uma questão importante que, na altura, influenciava a forma de fotografar. O próprio processo era bastante complexo e exigia não só o envolvimento de várias pessoas, mas também a preparação de condições adequadas para a captação de imagens. A complexidade do processo, certamente influenciava a postura das pessoas, bem como as exigências dos próprios fotógrafos que não tinham possibilidade de repetir a captação várias vezes. No entanto, apesar destas limitações, outras formas de registo eram possíveis, o que demonstram as fotografias de outra coletânea do início do século xx. Comparando vários registos da mesma altura, apercebemo-nos que não foram somente

32. *Ibidem*, p. 348.

33. *Ibidem*, p. 282.

as complexidades técnicas que levaram à elaboração das fotografias apresentadas no trabalho de Aguiar.

Esta revisão da parte significativa das fotografias incluídas no livro *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe* de António Aguiar, permite-nos criar uma imagem das ilhas de São Tomé e Príncipe nas primeiras décadas do século xx. No entanto, ao analisar a forma de apresentação dominante, chega-se à conclusão que este é somente um fragmento da realidade, que, em vários casos, foi encenada ou artificialmente arranjada. Há imensas omissões e o que foi registado, foi captado após um longo processo de preparação e seleção: dos lugares, dos ângulos, das pessoas ou das posições. Portanto, foi criada uma realidade desejada, uma imagem que os colonizadores portugueses pretendiam transmitir. Não só para refutar as acusações dos ingleses, mas também para demonstrar a os demais portugueses a prosperidade e a organização daquela que foi considerada «a mais rica e prometedora de todas as colônias portuguesas, pela extensão e intensidade das suas plantações e pelo valor da sua produção»³⁴.

Para demonstrar a facilidade com que as realidades podem ser criadas através das imagens —tanto pela sua seleção, como a forma da sua produção— apresento outro exemplo: um álbum com as fotografias bastante diferentes, mas que têm que ver com a mesma questão do trabalho contratado.

O álbum *S. Thomé, Angola, 1908-09* foi elaborado por William Cadbury e Joseph Burtt, após a sua visita às ilhas de São Tomé e Príncipe em 1908-1909, e acompanhou o relatório que os mesmos escreveram sobre as condições de trabalho dos serviçais nas ilhas³⁵. Portanto, é um dos documentos, ou uma parte dele, que levou ao surgimento de diversas respostas por parte dos coloni-

34. *O trabalho indígena nas colônias portuguesas: memoria justificativa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1906, p. 6.

35. O álbum está disponível online em: <https://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/album-fotografico-de-s-tome-e-angola>. Último acesso: maio 2023. Agradeço a The William A Cadbury Charitable Trust a autorização da utilização das imagens.



«S. Tomé. Caminho de ferro e jardim. Roça Água Izé». António A. Corrêa Aguiar.
O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe. S. Tomé:
Imprensa Nacional, 1919, p. 258.

zadores portugueses, uma das quais foi o livro de Aguiar, com as fotografias que acabei a analisar.

O álbum de Cadbury e Burt contêm imagens de São Tomé e Príncipe (são 61) e de Angola (88). As fotografias não estão acompanhadas de legendas, nem tampouco mencionam os lugares de São Tomé e Príncipe onde foram captadas. No caso de Angola —que não irei analisar aqui— as páginas que separam vários grupos de fotos, referem a localização geográfica. Os autores das fotografias não estão indicados. Sabemos, de uma nota na página inicial da coletânea, que as imagens foram produzidas pelos próprios autores do álbum, William Cadbury e Joseph Burt, bem como por fotógrafos locais. Contudo, não é possível apurar quais das imagens são da autoria dos fotógrafos locais e quem eram estes fotógrafos. Muito provavelmente, trata-se de alguns fotógrafos portugueses, de passagem pelas ilhas, ou então de pessoas de administração das roças que possuíam câmaras fotográficas.

Já uma consulta superficial do álbum, permite-nos notar uma grande diferença entre o registo aqui incluído e as fotografias do

livro de Aguiar. Apesar de se tratar do mesmo tema —a apresentação de trabalhadores contratados e das suas condições de vida e de trabalho—, a abordagem escolhida resulta numa história que não cria, mas, sim, reflete a realidade. É, também, uma história fragmentada. No entanto, este registo permite-nos imaginar melhor como era a vida dos trabalhadores contratados em São Tomé e Príncipe. As fotografias deles prevalecem nesta coletânea. Se comparar com o livro anteriormente analisado, há poucas fotografias das próprias ilhas, não foram contempladas as fotografias das cidades ou vistas gerais das roças. Há algumas imagens da vegetação³⁶: exemplos dos terrenos agrícolas, com os cacaveiros e cafezeiros ao rubro, entre outras espécies que costumam ser mantidas ou então plantadas para garantir a sombra necessária para o crescimento das principais culturas. Encontramos, também, algumas árvores mais destacadas, como se quisessem melhor mostrar aquilo que fazia parte das plantações, bem como as árvores de frutas, carregadas, por exemplo, de grandes mamões. Através destas imagens apercebemo-nos da abundância da natureza no arquipélago, da sua cobertura verde e tão diversificada em termos de espécies endógenas e cultivadas.

O grupo mais numeroso de fotografias são as imagens das pessoas. Aqui, a diversidade tanto das pessoas fotografadas, como das formas de captação superam as do livro de Aguiar. Como as imagens não estão descritas, não nos permitem ter a certeza se entre as pessoas apresentadas há naturais das ilhas. Algumas das fotografias, como as dos homens à volta de uma canoa ou das mulheres e crianças à beira-mar, podiam ter sido realizadas numa das localidades ou zonas pesqueiras da ilha de São Tomé, habitadas pelos angolares, grupo de ilhéus que se dedicava —e se continua a dedicar— à pesca. A naturalidade de posturas das mulheres —uma com a criança nas costas, outras a olhar para o mar ou então para a câmara, bem como as crianças com os pés

36. As páginas do álbum não estão numeradas, pelo que nesta parte do texto não apresento às referências exatas das imagens.



William A. Cadbury; Joseph Burt. S. Thomé, Angola, 1908-09: views taken by William A. Cadbury and Joseph Burt during a visit to S. Thomé and Angola, Portuguese West Africa, in the Winter of 1908-09. Birmingham, 1910.

no mar—, seguidas pelas fotografias de um grupo numeroso de homens de tronco nu, à volta de uma canoa, são similares às que encontramos nas imagens existentes e captadas, também noutras alturas, nas zonas costeiras de São Tomé e Príncipe.

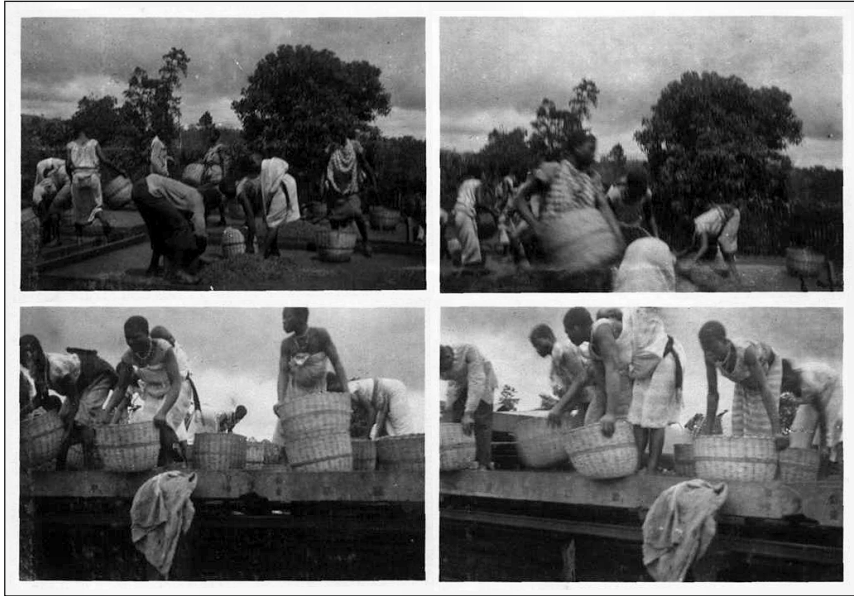
As restantes fotografias mostram os serviçais a trabalhar nas roças, tanto nas plantações, como nas infraestruturas no interior da zona edificada, por exemplo nos secadores. O que chama a atenção é a espontaneidade de captação. As pessoas estão em movimento, realmente a trabalhar, o que resulta em enquadramentos muitas vezes aleatórios e na falta de nitidez de algumas imagens. No entanto, existem fotografias em que os grupos de trabalhadores contratados, às vezes acompanhados pelos colonizadores portugueses, estão a posar para o registo. O que as difere das fotos do livro de Aguiar é a composição, muito menos elaborada. As pessoas não estão distribuídas de forma equilibrada, como acontecia nos outros registos, o que faz com que não se sinta a mesma

harmonia, supostamente para comprovar a ordem, a organização, o cuidado com o detalhe que o autor português quis transmitir. Também a forma de vestir das pessoas, numa grande parte das fotografias, não apresenta a mesma sofisticação e cuidado. As roupas são bastante mais modestas. Ademais, existem os registos de lugares de trabalho nas roças, mas sem pessoas, só com alguns cestos deixados pelos trabalhadores que, entretanto, devem ter ido desempenhar uma outra tarefa. Isso tudo permite-nos imaginar o dia-a-dia das pessoas.

Existe, também, uma fotografia das crianças a trabalhar na plantação. Apesar de garantias dos portugueses de que o trabalho infantil não existia nas roças, os ingleses conseguiram captar as crianças entre as árvores de cacau, duas delas com os cestos cheios em cima de cabeça, outras a olhar para a câmara, interrompendo as suas tarefas, com curiosidade, acompanhada pelo cansaço que transparece dos seus rostos.

Adicionalmente, os autores incluíram no álbum várias fotografias de crianças a brincar ou a posar, daquela forma muito característica, espontânea e não orquestrada. Percebemos que havia imensas crianças e jovens a habitar roças. Muitas delas devem ter nascido já em São Tomé e Príncipe e, mais cedo ou mais tarde, se os seus pais não tivessem sido repatriados (como constatavam os ingleses) ou não quisessem voltar aos seus territórios de origem (como afirmavam os portugueses), começavam a trabalhar nas roças, já que outras oportunidades de trabalho não existiam. Também a mobilidade dos trabalhadores contratados durante a parte significativa do período do colonialismo moderno, era limitada.

A escolha das fotografias que compõem o álbum de William Cadbury e de Joseph Burt permite-nos constatar que não estamos perante uma tentativa de criação de uma realidade artificial, realidade desejada. As imagens registam um fragmento da realidade existente, repleta de natureza abundante, de alguma suntuosidade existente na edificação, mas, particularmente, apresentam a vida dos trabalhadores contratados assim como ela era: preenchida de trabalho árduo nas plantações, com algum tempo



William A. Cadbury; Joseph Burt. S. Thomé, Angola, 1908-09: views taken by William A. Cadbury and Joseph Burt during a visit to S. Thomé and Angola, Portuguese West Africa, in the Winter of 1908-09. Birmingham, 1910.

dedicado às tarefas domésticas. A espontaneidade na captação, os registos casuais e não encenados, a inclusão de tarefas domésticas e de várias imagens de crianças, demonstram um fragmento do mundo que realmente existiu, divergindo bastante da seleção das imagens anteriormente apresentada.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE INDEPENDENTE

O período de maior prosperidade e lucratividade das roças não durou muito tempo. Às crises económicas e oscilações dos preços de cacau e de café no mercado mundial, acrescentaram-se as dificuldades em conseguir mão-de-obra para as plantações e o envelhecimento de infraestruturas e de máquinas, cuja manutenção neste microterritório insular não era muito fácil. O declínio das roças começou antes da independência, mas, depois de 1975,

o processo agravou-se e a situação económica do território foi se deteriorando.

A troca das bandeiras ocorreu no dia 12 de julho de 1975. Poucos meses depois, a 30 de setembro de 1975, as roças foram nacionalizadas. Os poucos trabalhadores portugueses —administradores, técnicos, guarda-livros e as suas famílias—, que não tinham abandonado arquipélago no período anterior, fizeram o naquele momento. Entre as causas do declínio das roças, pode se enumerar a falta de profissionais formados, capazes de gerir as plantações, a insuficiência de mão-de-obra e a inexistência de manutenção de equipamentos³⁷.

Houve várias tentativas de diversificação de economia no período que se seguiu à independência do território³⁸, mas entre as apostas não foi contemplado o turismo. Somente nas últimas décadas começaram a ser exploradas as potencialidades turísticas do arquipélago e o número de turistas tem aumentado gradualmente, mas não de forma regular, desde os inícios dos anos 2000. Somente na segunda metade dos anos 2010, os números aumentaram de forma significativa, mas o crescimento foi interrompido pela pandemia de Covid-19³⁹.

Para conseguir atrair turistas ao país onde energia e água canalizada ainda não chegam a todas as habitações e há zonas que vivem dependentes dos pequenos geradores, nem sempre a funcionar, e outras que nem geradores têm, onde a grande parte das roças está cada vez mais degradada, onde as estradas estão cheias de buracos e muitas delas são de terra batida, que se transforma em lama nas épocas de chuva, tem de se criar uma realidade que se quer apresentar ou então tirar um fragmento da realidade e, ainda, colori-lo para responder ao que os potenciais turistas procuram. Ocultar tudo o resto, criando uma realidade desejada e,

37. Para conhecer o quadro mais completo, consultar Seibert, 2002: 166-172.

38. Cf. SEIBERT, 2002, pp. 172-175.

39. Dados da Organização Mundial de Turismo, disponíveis em <https://www.unwto.org/>.

de certa forma, artificial. Aposta-se, principalmente, na natureza, sem dúvida o ponto de atração mais facilmente apresentável e vendível. O papel de fotografia nesta criação é, mais uma vez, extremamente relevante.

AS REALIDADES REGISTADAS, ALGUMAS DESEJADAS

Nesta segunda reflexão, quero, também, partilhar dois tipos de registos: um que apresenta uma realidade desejada, um fragmento da realidade artificialmente transformado para melhor responder aos objetivos desenhados, e outro, em que foi registada a realidade existente, já que o objetivo não era o de atrair alguém, mas, sim, de se encontrar naquilo que realmente existe.

Começo pelo website *Turismo de São Tomé e Príncipe* da Direção Geral de Turismo e Hotelaria (<https://visitsaotomeprincipe.st/>)⁴⁰. Tendo como objetivo a atração de potenciais interessados em visitar o arquipélago equatorial, o site, através de curtos textos e dezenas de fotografias, apresenta as ilhas. Os textos são muito simples e não fornecem informação detalhada e concreta sobre os temas abordados. No entanto, permitem criar uma imagem das ilhas, que é reforçada pelas fotografias que os acompanham. Antes de passar para a análise das imagens, partilho a lista de expressões usadas em várias partes do website. Retirei algumas, só para passar a ideia daquilo que se quer transmitir aos turistas: «um pequeno paraíso insular africano», «um dos últimos paraísos na terra», «um segredo bem guardado», «uma pérola no Atlântico», «cenário paradisíaco», «arquipélago de natureza pura», «as ilhas verdejantes no coração do planeta», «exuberância natural», «riqueza cénica de São Tomé e Príncipe», «águas cristalinas», «verdadeira tranquilidade» e «um destino ideal para as suas férias do sonho».

40. Todas as fotografias aqui mencionadas estão disponíveis no site da Direção Geral de Turismo e Hotelaria, analisado em janeiro e fevereiro de 2023. Último acesso: abril de 2023. Agradeço à Direção Geral de Turismo e Hotelaria a autorização da utilização das fotografias.



*Praia Banana, Ilha do Príncipe.
Fotografia do website <https://visitsaotomeprincipe.st/pt>.*

Tanto nas fotografias, como nos textos apresentados no site, o destaque é dado à natureza. Fica claro que a natureza é considerada como a maior riqueza do território, ou então, a mais importante âncora para atrair visitantes.

Assim como no livro de António Aguiar (1919), a seleção das imagens incluídas no site foi muito cuidadosa, os enquadramentos bem estudados, os lugares apresentados escolhidos com atenção. Em vários casos notamos a edição das fotografias, desde a correção de cores e de contrastes à aplicação de alguns filtros, o que acrescenta ainda mais brilho a este registo.

O território das ilhas foi dividido em 5 principais regiões, nomeadamente: norte, centro, sul, a ilha do Príncipe e a cidade capital. Tirando a capital, em todas as regiões distinguidas, o verde em inúmeras tonalidades e formas predomina. A praia e a floresta são os principais marcos presentes em grande parte do território. A maioria dos pontos de interesse enumerados refere-se aos tesouros naturais: os picos, as características formações rochosas (Sete Pedras, Boca do Inferno), a floresta endémica (obô), a savana no norte da ilha, as praias, as cascatas e os rios. Contudo, as famosas roças de São Tomé e Príncipe, não foram totalmente omitidas. Fo-



*Roça Sundy, Ilha do Príncipe.
Fotografia do website <https://visitsaotomeprincipe.st/pt>.*

ram cuidadosamente escolhidas. Há imagens das roças que foram remodeladas e servem como estabelecimentos turísticos (resorts, residenciais, hotéis) ou museus. Ou então apresenta-se os fragmentos muito característicos, retirados de todo o meio envolvente que se encontra bastante degradado. Não foi omitida, também, a simbólica imagem daquela que foi uma das mais importantes roças da ilha de São Tomé, a roça Rio do Ouro (atualmente, Agostinho Neto). A fotografia de grandes planos não permite notar as habitações das pessoas, situadas dos dois lados do caminho principal que vai até ao antigo hospital. Como o estado de conservação destes edifícios deixa muito a desejar, não pode ser incluído no registo através do qual se apresenta o paraíso.

A cidade capital que conhecemos através do site é uma localidade tranquila e pequena, muito limpa e organizada, com vários monumentos, um espaço cultural, um colorido e organizado mercado, vários *spas*, restaurantes e outros empreendimentos turísticos. Estes três últimos tipos de espaços estão, adicionalmente, apresentados de forma pormenorizada noutras seções do site. Penso que não seja necessário sublinhar, que todos estes sítios foram cuidadosamente escolhidos. Da mesma forma estão apre-

sentadas outras localidades: em pequenos fragmentos, por exemplo, limitados a uma casa bem estimada ou então um lugar característico que não necessariamente se encontra nesta localidade, mas está por perto e é bastante mais atrativo (para turistas, de acordo com o imaginário local daquilo que os turistas procuram) do que o próprio lugar que é suposto representar. Os exemplos desta metonímia visual são numerosos. Destaco apenas o túnel da Santa Catarina —uma das imagens mais características de São Tomé e Príncipe— que ilustra a localidade de Santa Catarina, ou as fotografias de surfistas que acompanham as descrições de Ribeira Afonso ou de Santana.

O que surpreende é a ausência de pessoas e das suas habitações. Através das fotografias colocadas no site não conseguimos imaginar quem são, como e onde vivem os cerca de 200 000 habitantes do arquipélago. Será que não fazem parte desta realidade desejada que se pretende apresentar aos potenciais visitantes? O ruído visual que poderiam transmitir as fotografias das localidades, sempre cheias de pessoas, não responde à imagem do paraíso criada.

Em grande parte dos casos verifica-se a absorção desta imagem fragmentária das ilhas pelos turistas que se deslocam para o arquipélago. Nas fotografias que publicam nas redes sociais transcrevem as expressões que apresentei acima e reproduzem, através dos registos com os seus telemóveis e câmaras fotográficas, as imagens icónicas das ilhas maravilhosas. Há alguns que acrescentam as fotografias de crianças, apelando à recolha de bens e a sua entrega desorganizada para ajudar a estes meninos. Poucos entram nos bairros e nas localidades habitadas pelos ilhéus, não comentam as falhas de energia ou a inexistência de água canalizada em parte significativa das habitações. Não se partilha as fotografias dos cães com feridas abertas, a mancar, a procurar comida no lixo, ou nas redondezas dos mercados, agredidos com pedras ou afastados com pontapés pelos ilhéus. Tudo isso estragaria a imagem das ilhas paradisíacas onde se quer passar as férias do sonho. A imagem do paraíso, desta realidade é perpetuada há anos e as



*Roça Monte Forte, Ilha de São Tomé.
Fotografia do website <https://visitsaotomeprincipe.st/pt>.*

fotografias são a melhor ferramenta para a sua persistência. Basta escolher o que pode e o que não deve fazer parte desta pérola no Atlântico que é um dos últimos paraísos na terra.

Para terminar, quero mostrar outro registo pós-colonial do arquipélago e voltar à questão de seleção, tanto do que e como é fotografado, como das imagens a publicar ou a expor. A intenção, o motivo e o objetivo refletem-se nas histórias visuais criadas e estas, por sua vez, criam ou refletem as realidades.

O livro *Págá dêvê* de José A. Chambel foi publicado na viragem dos séculos, no ano 2000. É um livro de fotografia que apresenta um outro São Tomé e Príncipe, um arquipélago diferente do que vimos nas imagens do site www.visitsaotomeprincipe.st. Mesmo se acrescentássemos as cores a estas fotografias realizadas a preto e branco, o registo não se aproximaria ao paraíso que acabamos a conhecer. Como mencionado anteriormente, é um livro muito especial, já que resulta de uma viagem ao encontro daquilo que, há muito tempo e sem possibilidade de interferir nessa decisão, se deixou. O fotógrafo nasceu na ilha de São Tomé, mas aos 4 anos foi levado para Lisboa, onde cresceu, estudou, vive e trabalha. Mais de duas décadas depois desta partida involuntária, decidiu



José A. Chambel. S. Tomé, Rio Ió Grande. José A. Chambel. Págá dêvê. Viseu: Palimage, 2000, p. 17.

regressar ao lugar onde aprendeu a andar, a falar (que língua?), a sentir os cheiros e os sabores, a sentir a dor e a alegria. Onde brincou acompanhado por outras crianças (quem eram?) e onde ficou uma parte da sua família. Voltou acompanhado pela sua câmara fotográfica e criou um registo do arquipélago que reencontrou e em que se reencontrou. Nesta —e em várias seguintes— viagens, deu o sentido a este lugar que era dele e que voltou a ser seu. Um sentido em constante transformação, muito dinâmico, já que —até muito recentemente— nunca pensou em voltar a viver nas ilhas. Esta ambiguidade de olhar, ao mesmo tempo do dentro e de fora, dá um carácter muito próprio ao seu arquivo fotográfico.

Aqui limitar-me-ei à reflexão sobre algumas imagens do livro *Págá dêvê*. Recomendo a leitura do prefácio do livro, escrito por José Afonso Furtado, que juntou os seus profundos conhecimentos académicos às informações sobre o percurso não só profissio-



José A. Chambel. S. Tomé, Fortim de S. Jerónimo. José A. Chambel, Págá dêvê. Viseu: Palimage, 2000, p. 41.

nal, mas também pessoal do fotógrafo. O resultado é uma viagem analítica pelos registos, uma leitura que contém tanto o distanciamento, como a aproximação, bem equilibradas⁴¹. Importa, ainda, mencionar que o livro contém alguns textos poéticos de autoria de Olinda Beja. Ao contrário do prefácio, estes textos não tencionam a se referir às imagens. É uma história paralela, com vários pontos comuns, que através das palavras, expressa sentimentos de reencontro com o lugar que se tinha de abandonar e ao qual se decidiu regressar.

Como nos livros e no site anteriormente analisados, também neste registo visual do arquipélago, a natureza tem lugar de destaque. Há vistas mais gerais e outras, mais pormenorizadas. Mas esta já não é uma imagem do paraíso conseguida através de omissões

41. CHAMBEL, José A. *Págá dêvê*. Viseu: Palimage, 2000, pp. 5-13.



José A. Chambel. S. Tomé, Milagrosa. José A. Chambel. Pága dêvê. Viseu: Palimage, 2000, p. 69.

ou uso de filtros que tornam o verde ainda mais verde e o azul do mar transformam numa turquesa de sonhos. É um arquipélago habitado pelas pessoas, cujas habitações —tanto as localidades com as casas de madeira, como as roças no seu estado atual, já bastante degradadas— aparecem nas fotografias. Há imagens que sinalizam o passar do tempo, relembram a história, mais e menos distante, do arquipélago. Há indícios de deterioração, de falta de manutenção e de cuidado, tão presente em todas as partes de ambas as ilhas. Esta é notável não só nos fragmentos de roças apresentados, mas, também, em algumas imagens captadas tiradas na cidade capital. Parece que estamos perante uma outra cidade do que a que foi apresentada no site da Direção Geral de Turismo. Por fim, há fotografias de pessoas nos sítios que são delas e isso sente-se pela forma como estão apresentadas. Indiferentemente se posam para as fotos, como o caso do grupo de pessoas a frente

de um bar numa roça, ou se foram fotografadas, de mais longe ou de mais perto, a desempenhar as suas tarefas diárias, a naturalidade na forma de estar captada e a pertença aos lugares são notáveis. Não se tentou criar uma realidade. A realidade existente foi registada. Obviamente, assim como nos casos anteriores, este é um fragmento da realidade e que não nos permite criar uma imagem completa do arquipélago. Mas é um fragmento não colorido artificialmente ou encenado para as necessidades do registo.

CONCLUSÃO

Para concluir estas reflexões sobre os registos do arquipélago santomense do período colonial e do país independente, quero somente acrescentar mais uma questão importante e que os que trabalham com arquivos visuais tem de sempre ter em conta: a polissemia dos registos visuais. Ao analisar um arquivo ou um outro registo fotográfico, o contexto em que este foi criado, os motivos que levaram à sua criação e os objetivos a atingir, que, certamente, influenciam a seleção das imagens, têm de ser —sempre que possível— apurados e tidos em conta. A fotografia, é, sem dúvida, um registo, mas a leitura deste registo depende de vários fatores. «*The relation between what we see and what we know is never settled*»⁴². Ao conhecimento de história, da atualidade e dos condicionantes sociais e políticos que, eventualmente, poderiam ter influenciado os registos, acrescenta-se a finalidade do resultado. Fotografia é uma fonte importante e que acrescenta imenso ao conhecimento que construímos. Mas é uma fonte cuja análise tem de ser feita com a máxima prudência. No entanto, como constata James R. Ryan na «Introdução» do livro *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, editado por Filipa Lowndes Vicente, «*as fotografias são preciosas para*

42. BERGER, John. *Ways of seeing*. London: British Broadcasting Corporation: Penguin Books, 1977 (1972), p. 7.

os historiadores do império tanto pelo que escondem como pelo que revelam»⁴³.

Importa sempre lembrar que não só «*a photograph, while recording what has been seen, always and by its nature refers to what is not seen. It isolates, preserves and presents a moment taken from a continuum*»⁴⁴, que quem prepara as seleções de fotografias para as apresentar —num livro, num álbum, num website ou, até, no caso de escolha de uma imagem para ilustrar um texto—, decide o que mostrar e o que ocultar ou omitir.

Com esta reflexão, quis dar exemplo de facilidade com que uma realidade pode ser construída através de imagens. Uma realidade desejada, que —no caso de São Tomé e Príncipe— era apresentada, como um lugar exemplar da colonização portuguesa e no período mais recente, no país independente do século XXI, como um paraíso e um lugar ideal para visitar. Neste último caso, mais do que os habitantes das ilhas, são os turistas que fazem perpetuar este imaginário do «cenário paradisíaco» das «ilhas verdejantes no coração do planeta». Quanto à identificação dos habitantes das ilhas com esta realidade desejada e artificialmente criada, esta parece não estar interiorizada. Ou, até, não existe em grande parte das pessoas, já que o maior desejo delas é de emigrar⁴⁵. Porque alguém emigraria de um paraíso?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, António A. Corrêa. *O trabalho indígena nas ilhas de S. Tomé e Príncipe*. S. Tomé: Imprensa Nacional, 1919.

43. VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 34.

44. BERGER, John. *Understanding a photograph*. London: Penguin Books, 2013, p. 20.

45. «78 % dos jovens querem abandonar o país», *Têla Non*, jornal digital, disponível em: <https://www.telanon.info/politica/2023/03/20/40149/78-dos-jovens-querem-abandonar-o-pais/>. Último acesso: maio 2023.

- BERGER, John. *Ways of seeing*. London: British Broadcasting Corporation: Penguin Books, 1977 (1972).
- BERGER, John. *Understanding a photograph*. London: Penguin Books, 2013.
- BETANCOR QUINTANA, Gabriel. «Identidades atlânticas: la perspectiva patrimonial». *Cartas diferentes: revista canaria de patrimonio documental*, n.º 16-17 (2020-2021), pp. 13-39.
- BURTT, Joseph; HORTON, Claude W. *Relatório sobre as condições dos serviços negros empregados nas plantações de cacau de S. Thomé e Príncipe e os modos de os obter em Angola*. [S. l.: s. n.], 1907.
- CADBURY, William A. *Os serviços de S. Thomé*. Lisboa: Bertrand; Porto: Chardron, 1910.
- CADBURY, William A; BURTT, Joseph. *S. Thomé, Angola, 1908-09: views taken by William A. Cadbury and Joseph Burtt during a visit to S. Thomé and Angola, Portuguese West Africa, in the Winter of 1908-09*. Birmingham, 1910.
- CHAMBEL, José A. *Págá dêvê*. Viseu: Palimage, 2000.
- JERÓNIMO, Miguel Bandeira. «As provas da “civilização”: fotografia, colonialismo e direitos humanos». In: Filipa Lowndes Vicente (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 387-398.
- MANTERO, Francisco. *A mão d’obra em S. Thomé e Príncipe*. Lisboa, 1910.
- NASCIMENTO, Augusto. «As fotografias de uma época das roças de São Tomé e Príncipe». In: Alexandre Ribeiro, Alexander Gebara e Marina Beruhte (eds.). *África: histórias conectadas*. Niterói: UFF, 2014, pp. 201-250.
- NASCIMENTO, Augusto. «Olhar as mudanças sociais em São Tomé e Príncipe através das fotografias». In: Filipa Lowndes Vicente (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 157-167.
- SEIBERT, Gerhard. *Camaradas, clients e compadres: colonialismo, socialismo e democratização em São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Vega, 2002.
- TENREIRO, Francisco. *A ilha de São Tomé*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.
- O trabalho indígena nas colônias portuguesas: memoria justificativa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1906.
- VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014.